

Título: Citizen Science and Rebel Knowledge: colaboration and control in Informational Societies

==Apresentação Congresso==

Causo: Diretor DataSus: os dados pertencem aos cidadãos

Pesquisador americano: o impacto do bigdata na saúde será maior que a penicilina.

1. Gostaria de iniciar minha apresentação situando o trabalho que venho desenvolvendo na Unifesp para indicar como tal percurso me aproximou do campo da ciência aberta e das humanidades digitais.

Parte 1 – Pimentalab e minha relação com a ciência aberta

Pimentalab: é um grupo de pesquisa e extensão que formei com estudantes da graduação. Atuamos em projetos relacionados à educação (formação de professores para o ensino de sociologia), sociologia da tecnologia e tecnopolítica. (ação coletiva, A2K, movimentos sociais e conhecimentos situados).

Em comum, temos como objetivo desenvolver práticas de pesquisa e ensino que se efetivam através de experimentos de pesquisa-ação voltados à produção colaborativa de conhecimentos situados, apropriando-se criativamente das tecnologias digitais de comunicação em suas múltiplas linguagens (principalmente visuais).

[SLIDES dos projetos do Pimentalab]

Tais projetos estão sendo gestados na confluência de três vetores:

- Interesse por formas renovadas de produção colaborativa mediante a utilização de TICs
- Pesquisas anteriores e engajamento junto a grupo tecnoativistas (A2K e Democratização da comunicação);
- Inserção numa instituição universitária que está vivendo um processo de transformação profunda e que nos provoca inúmeras questões relativas à relação sociedade-universidade e as formas de produção de conhecimento científico.

A partir de experiências anteriores junto a grupos tecnoativistas, sentia um grande descompasso entre as práticas acadêmicas-científicas e o que estava observando fora da universidade. Tal desencontro me incentivou a desenvolver projetos com TICs na universidade e a pesquisar por iniciativas no campo da produção científica que de alguma forma estivessem inspiradas pelos mesmos princípios e práticas, relativos à colaboração, abertura. Foi por aí que entrei em contato com o universo da ciência aberta, mas também da ciência cidadã e ciência amadora (derivações específicas a meu ver dentro do guarda-chuva ciência aberta).

Conhecer o campo da ciência aberta foi, portanto, um feliz encontro, entre o que as práticas que eu começava a desenvolver na universidade e os problemas que eu vivenciava na implementação dos projetos.

Só para citar um exemplo: no depart. de ciencias sociais coordenei os esforços de implementação da licenciatura (formação de professores). Há uma rígida distinção, inclusive de status, entre a formação científica e a formação de professores, entre educação escolar e educação científica. Foi a partir do contato com as experiências de ciência amadora (biohacking, pesquisas colaborativas,

tecnocidadãos, etc) que passei a pensar a formação de educadores e a prática de ensino de sociologia da escola, também como um campo de prática científica: ora, e se considerarmos os professores da escola, os jovens estudantes e suas comunidades como cientistas amadoras? Como isso poderia impactar nos processos formativos e educacionais?

2. A pesquisa: Tecropolítica, ação coletiva e saberes situados

Feita essa introdução, gostaria de apresentar o escopo de um projeto de pesquisa que começa a ser desenvolvido e como ele interroga alguns problemas relativos a ciência aberta.

Neste projeto procuramos analisar um conjunto de fenômenos relativos a vida social cibermediada e à comunicação digital obíqua, cenário de produção infinita de dados, com amplo acesso à informação e transparência.

Contexto sociohistórico: tecnociência + capitalismo informacional + sociedade de controle e modulação da existência.

1. emergência de novas formas de conhecimento \Leftrightarrow novas formas de poder e governo
2. ciberciências: humanidades digitais \Leftrightarrow engenharia social

Objeto empírico: estudo dos atores (ativistas no campo do A2K) que estão na fronteira de enfrentamento desses processos pode contribuir para evidenciar alguns dos conflitos em jogo.

Em suma, o que podemos aprender para nossas práticas produção científica (no campo da sociologia) com os coletivos de hacktivistas, com grupos e movimentos que atuam em temas relacionados à tecropolítica, política informacional, democratização do conhecimento e da cultura?

Como problema de fundo, pretendemos explorar as relações entre as novas formas de produção de conhecimentos no contexto de ampla mediação das tecnologias digitais e a emergência de novas formas de exercício do poder.

Seguindo uma inspiração foucaultiana, de maneira homóloga ao surgimento da governamentalidade e da biopolítica, quando novas formas de conhecimento (economia política, epidemiologia, entre outras) ensejaram o surgimento de formas renovadas de governo, talvez estejamos diante de um processo semelhante no campo das relações sociais cibermediadas, dos conhecimentos produzidos e das formas de exercício do poder.

Quais são as especificidades nos modos de conhecer inauguradas pelas tecnologias digitais? Acesso aberto, transparência, indicialidade, rastreabilidade, simulação computacional, produção distribuída (crowdsourcing), mineração de dados, análise semântica, fenômenos de emergência, análise de padrões, entre outras, são alguns dos elementos que passam a compor um novo repertório metodológico e epistemológico. Alguns autores referem-se a elas como ciências do silício, ciberciências, entre outras (PARRA, 2014b).

Neste sentido, é interessante destacar que ao lado das práticas renovadas de ativismo político (ciberpolítica e a tecropolítica), e do surgimento de novas formas de produção colaborativa de conhecimentos, observamos o surgimento de novas práticas de governo: cidadania 2.0; ciberdemocracias, experiências de participação e consulta cidadã; diversos mecanismos de interação e feedback entre cidadãos e governos. Palavras como participação social, colaboração, transparência, acesso à informação, passam a integrar o vocabulário de ativistas, cientistas e gestores.

No campo da produção científica, estamos aqui conhecendo inúmeras experiências e os desafios da ciência aberta.

[SLIDES – ciência cidadã Brasil]

Colaboração, autoridade expandida, ciência amadora, crise dos experts
Novas relações entre ciência e política => cientistas-público-afetado.
Ciência e democracia.

Antonio Lafuente: Emergência do tecnocidadão como condição para a democracia
B. Latour: nova soberania, parlamento dos objetos.

Logo, discutir ciência aberta, e mais especificamente cidadã, implica pensar nesse contexto mais amplo e identificar as encruzilhadas que estão postas em cada dimensão, e atualizar as relações entre ciência, tecnologia e democracia.

Esta mesma reivindicação de aberta e participação é fundamento de um novas práticas políticas:
Formas de participação online, ciberdemocracia, democracia 2.0, experiências de inovação cidadã
=> interrogação sobre o sistema de representação e deliberação.

[Slides: sites sobre participação 2.0, transparência...]

As diferentes formas e condições de acesso à informação, ensejam modos de participação social distintos.

Aqui, mais especificamente, estamos interessados em explorar uma importante tensão relativa às condições e efeitos do amplo acesso à informação. Em suma, como equilibrar:

livre acesso à informação, transparência versus controle social

Quando transpomos essas questões para o campo das ciências sociais para pensarmos nas novas formas de produção de conhecimentos mediante o uso de tecnologias digitais, temos uma atualização da sempre presente tensão entre:

conhecer/interpretar versus controle social

[Slides: Humanidades Digitais]

[Slides: Engenharia Social]

O que está em jogo são modos distintos de se pensar a política de acesso à informação e seus efeitos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Quais são as fronteiras? Como fazer o pêndulo oscilar mais para o lado das práticas críticas e democráticas?

Nesse sentido, é interessante observar o florescimento de grupos tecnoativistas no Brasil (e mundo fora), dedicados a enfrentar os problemas da sociedade informacional.
Pela sua posição política de contra-poder, as situações que enfrentam ajudam a evidenciar alguns

dos dilemas que estão colocados para as práticas de conhecimento e ação em contextos de mediação digital da vida.

[Slides: hackers sobre privacidade, criptografia]

Pretendemos identificar uma gramática comum e refletir sobre as questões emergentes a partir de suas práticas.

A máxima dos cypherpunks - “transparência para governos e empresas, privacidade para os cidadãos”, na prática não é tão fácil de ser implementada, dada as condições da mediação das tecnologias digitais na vida cotidiana.

[SLIDES sobre reconhecimento facial]

Para concluir, gostaria de retomar uma pergunta colocada no início do texto: o que podemos aprender para nossas práticas produção científica (no campo da sociologia) com os coletivos de hacktivistas, grupos e movimentos que atuam em temas afins relativos à democratização da informação e da produção de conhecimentos?

Conclusão: as noções de participação, colaboração, acesso a informação, estão presentes em diversas dessas iniciativas, no campo da ciência aberta, das formas renovadas de participação política.

Como dar a elas um sentido que seja mais emancipador, democrático?

Em se tratando de nossas práticas cibermediadas, quais as configurações sociotécnicas, protocolos que podemos estabelecer para que a ciência aberta, ciência cidadã caminhem no sentido de uma participação crítica e ativa na expansão democrática?

Alguns eixos de questões:

Eixo 1: Problematizar a tecnicidade específica do digital. Quais suas configurações sociotécnicas e seus possíveis efeitos? Quais são os requisitos mínimos? Software livre, abertura, digitalização de todo o processo/etapas da pesquisa, rastreabilidade, indiciabilidade e proteção da privacidade e anonimato?

Eixo 2: A2K e Economia política da Informação: commons, domínio público. Como conciliar free from market X free for market? (nos termos de Kapczynski).

Eixo 3: Ciência e democracia: tensões entre liberdade X controle;

Eixo 4: Tecnologia e democracia: escolhas/desenhos sociotécnicos implicam em questões políticas